

La Comédiathèque



De légumes e livros

Farsa filosófica

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

De legumes e livros

Farsa Filosófica

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A fachada de uma mercearia, que também serve como livraria, é o cenário para deliciosas trocas entre um merceiro filósofo e os seus peculiares clientes em busca de respostas para as suas perguntas existenciais.

Uma farsa filosófica que mistura situações rocambolescas com reflexões sobre a absurdidade do mundo.

Personagens:

Sócrates
Maurícia
Socorro
Ben
Eva
Albano
Carlos
Sánchez
Ramírez

Exceto Albano e Eva, que são respetivamente homem e mulher, todos os outros personagens podem ser indistintamente masculinos ou femininos, bastando apenas alterar os seus nomes, sem necessidade de modificar os diálogos.

Os personagens de Carlos e Ramírez podem ser interpretados pelo(a) mesmo(a) ator/atriz.

Distribuição possível para 9 atores:

1H/8M, 2H/7M, 3H/6M, 4H/5M, 5H/4M, 6H/3M, 7H/2M, 8H/1M

Distribuição possível para 8 atores:

1H/7M, 2H/6M, 3H/5M, 4H/4M, 5H/3M, 6H/2M, 7H/1M

Fachada de uma loja, com uma porta de entrada ao centro. De um lado, caixas de frutas e legumes dispostas em prateleiras. Do outro lado, caixas com livros ao estilo de um alfarrabista. Perto da porta, uma balança. Por agora, a parte da frente do palco, que representa um passeio, está vazia. Entra Socorro, puxando um carrinho com rodas. Ela para em frente às frutas e legumes e começa a inspecioná-los. Pega numa banana, apalpa-a e, insatisfeita, volta a colocá-la no lugar. Entra Maurícia.

Maurícia – Não se acanhe!

Socorro – O quê? O que foi?

Maurícia – Está a apalpar essa banana e volta a colocá-la na caixa...

Socorro – E então? Eu gosto das bananas bem firmes, não tenho esse direito?

Maurícia – Admita que não é muito higiénico para quem vem a seguir.

Socorro – Ai é? E porquê?

Maurícia – Se tiver as mãos sujas...

Socorro – Mãos sujas?! (*Mudando completamente de tom.*) Estava precisamente a ler o livro...

Maurícia – Que livro?

Socorro – A peça de teatro! De Jean-Paul Sartre.

Maurícia – Ah, sim... E o que achou?

Socorro – Entre nós, não é grande coisa...

Maurícia – Sartre envelheceu muito.

Socorro – Não se devia deixar que os filósofos escrevessem peças de teatro.

Maurícia – Se quer a minha opinião, também não deviam escrever tratados de filosofia.

Socorro – Sócrates escreveu O Banquete ou A República?

Maurícia – Tanto como Deus escreveu o Antigo Testamento ou Jesus Cristo o Novo.

Socorro – Desde Heráclito, não inventámos nada de novo.

Maurícia – Mas, infelizmente, escrevemos muito.

Socorro – Demasiado!

Maurícia – Os livros de filosofia são cada vez mais grossos, com um conteúdo cada vez mais pobre.

Socorro – E cada vez mais confusos! Para acender o fogo ainda servem, mas para embrulhar legumes... As folhas não são suficientemente grandes.

Maurícia – Desde os gregos, a filosofia tem piorado cada vez mais.

Socorro – Uma pilha de livros completamente vazios acumulados durante milénios nas nossas empoeiradas bibliotecas...

Maurícia – A filosofia é uma construção precária.

Socorro – Se conseguíssemos escalar esse castelo de cartas sem cair, certamente alcançaríamos as regiões mais altas da estratosfera.

Maurícia – Para não dizer o vazio interestelar.

Socorro – A filosofia é uma ilusão. Não me lembro quem disse que somos anões nos ombros de gigantes...

Maurícia – Bernardo de Chartres.

Socorro – Isso mesmo... Mas isso só se aplica às disciplinas científicas, que implicam uma ideia de progresso. No entanto, a filosofia não é uma ciência, é uma opinião!

Maurícia – Os filósofos de hoje não passam de anões nos ombros de todos os anões que os precederam.

Socorro – Isso faz-me lembrar aquelas pirâmides humanas que os catalães fazem nas ruas durante as festas folclóricas. Os maiores ficam em baixo e os mais pequenos em cima.

Maurícia – Infelizmente, as pirâmides de anões são muito menos estéticas do que as pirâmides do Egito.

Socorro – E muito menos estáveis.

Maurícia – Sem falar que nem tudo o que os catalães fazem é necessariamente um exemplo a seguir.

Socorro – Subir uns em cima dos outros no meio da rua assim... Com os mais novos a trepar pelos mais velhos... É preciso ser catalão...

Maurícia – Bom, vai levar essa banana ou não?

Socorro – É melhor levar esta outra, que está mais verde.

Maurícia – Eu gosto das bananas bem maduras.

Socorro – Cada um com o seu gosto...

Maurícia também começa a examinar a banca.

Maurícia – Vou levar um quilo de cenouras.

Socorro – É para sopa ou cenoura ralada?

Maurícia – Faço-lhe eu perguntas a si?

Socorro – Tem razão, as perguntas devem ser feitas ao Sócrates...

Maurícia – É melhor dirigir-se a Deus do que aos seus santos...

Socorro (*chamando*) – Sócrates!

O vendedor aparece, saindo da loja.

Sócrates – Senhoras... O que posso fazer por vós?

Maurícia (*entregando as cenouras*) – Tome, Sócrates, pode pesar isto para mim?

Socorro – Ora, não se acanhe! Eu estava aqui antes, não?

Maurícia – Pensei que ainda não tinha decidido... Não quer apalpar mais essas bananas?

Socorro encolhe os ombros e entrega as bananas a Sócrates.

Socorro – Aqui tem... (*Sócrates pega nas bananas e coloca-as na balança.*) Também queria fazer-lhe uma pergunta...

Sócrates – Diga...

Socorro – Então... Espere, tenho anotado na lista de compras... (*Tira um papel amarrotado, desdobra-o laboriosamente e lê.*) Ah, cá está... Por que há algo em vez de nada?

Sócrates – E tudo isso pelo preço de um quilo de bananas...

Socorro – Parece-lhe uma pergunta parva?

Sócrates – Por que há algo em vez de nada?

Socorro – Então?

Sócrates – Na verdade, a resposta é muito simples.

Maurícia – Posso ouvir também?

Socorro – Claro...

Sócrates – Quando uma pergunta filosófica não tem resposta, é porque está mal formulada.

Socorro – É evidente...

Sócrates – Ou então porque foi feita de propósito para não ter resposta.

Socorro – Eh... Sim.

Sócrates – Primeiro, porquê?

Maurícia – Porquê o quê?

Sócrates – O “porquê” da pergunta: «Por que há algo em vez de nada?».

Maurícia – Ah, claro...

Socorro – Ei! Disse que podia ouvir a resposta do Sócrates, mas ele está a falar comigo, está bem? São as minhas bananas, preocupe-se com as suas cebolas! Ou com as suas cenouras...

Sócrates – Posso continuar?

Maurícia – Desculpe...

Sócrates – Então, o “porquê” nesta pergunta já coloca um problema. Supõe que a existência do mundo deve necessariamente ter uma finalidade, e, além disso, uma finalidade humanamente concebível, porque seria confundida com a própria finalidade da humanidade.

Maurícia – O que, evidentemente, é um ponto de vista muito antropocêntrico.

Sócrates – O homem não é mais do que uma parte do universo, e é evidente que a parte não pode compreender o todo.

Socorro – Com certeza...

Sócrates pega numa laranja.

Sócrates – Pegue nesta laranja, imagine que é o berço da humanidade e que nós somos as suas sementes. Acha mesmo que essas sementes poderiam entender como funciona a loja?

Socorro – Não, obviamente que não...

Sócrates – Eu próprio, sendo o dono, às vezes pergunto-me como é que esta loja funciona...

Maurícia – Não me lembro quem dizia «A Terra é azul como uma laranja»...

Socorro – E o que é que isso tem a ver? Estamos a falar das sementes!

Sócrates – Plante esta semente, ela tornar-se-á uma laranjeira que produzirá mais laranjas. Com algumas manipulações genéticas ou poéticas, sempre se poderiam obter laranjas azuis. Mas uma semente de laranja nunca produzirá uma bananeira.

Socorro – E, acima de tudo: uma semente de laranja nunca abrirá uma loja de frutas e legumes.

Sócrates – Passemos agora ao “nada” incluído nesta pergunta: Porquê existe algo em vez de nada?

Socorro – Exatamente.

Sócrates – O nada é algo que não existe, estamos de acordo?

Socorro – Como é que não haveríamos de estar de acordo com isso?

Sócrates – Então, perguntar se o nada poderia existir em vez de algo é uma contradição em termos.

Maurícia – O que os filósofos chamam de sofisma.

Socorro lança um olhar fulminante a Maurícia.

Sócrates – Na realidade, o nada é um conceito vazio de sentido. Uma vez que o nada não existe, por que razão falar dele como uma possível alternativa ao algo?

Socorro – É evidente...

Sócrates – O nada é uma ilusão inventada por aqueles que, como os defensores de todas as religiões monoteístas, querem que engulamos o mito da criação.

Socorro – Um mito que implica a ideia de um começo antes do qual não havia nada.

Sócrates – Uma ideia que, admitamos, é de uma ingenuidade surpreendente.

Maurícia – Por que diz isso?

Sócrates – Porque é evidente que, se algo existe, esse algo sempre existiu de uma forma ou de outra.

Socorro – Como disse Lavoisier: «Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma».

Sócrates – Sabe que o meu princípio é nunca fazer citações...

Maurícia – Como Sócrates.

Socorro – Quem poderia Sócrates citar?

Maurícia – Os pré-socráticos...

Socorro – E os pré-socráticos?

Maurícia – Ninguém.

Socorro – E, no entanto, não diziam só disparates.

Sócrates – Quanto à noção de começo, foi inventada pelo homem para tentar pôr o universo em conformidade com a sua própria visão antropocêntrica do mundo.

Socorro – Entendido: uma vez que o homem nasce e morre, o mesmo deveria acontecer com o universo.

Sócrates – E por que não, além disso? Sempre que se postule que não há nascimentos, apenas renascimentos, e que não há mortes, apenas remorsos.

Maurícia – Que o tempo não é linear, mas circular, que o big bang é um movimento perpétuo, e o universo, um motor de explosão.

Sócrates – Por que razão, entre duas hipóteses, escolher sistematicamente a menos provável, só porque se ajusta melhor às limitações da nossa mentalidade mitológica limitada?

Socorro – Para depois nos surpreendermos que as perguntas geradas por essa hipótese improvável só possam permanecer sem resposta...

Sócrates – A menos que se inventem outras mitologias para explicar esses mistérios, e assim sucessivamente. Essa longa deriva do pensamento que chamamos religiões.

Maurícia – Algumas filosofias orientais, pelo menos, ao prescindirem da transcendência, conseguiram evitar esse escolho... É hindu?

Sócrates – Poderia ser, se o hinduísmo não tivesse conseguido também inventar, apesar de tudo, esse terrível sistema de opressão que é o das castas.

Socorro – Outra forma de justificar os privilégios dos senhores, fazendo os escravos acreditar que, noutra vida, em vez de serem a ferida, serão a faca. Para citar Baudelaire...

Maurícia – Quando se trata de consolidar o seu domínio sobre as massas, as religiões nunca faltam à imaginação.

Socorro – Infelizmente, tanto na religião como na filosofia, após os precursores às vezes sinceros, passa-se sem transição para a decadência e a recuperação.

Maurícia – E depois, as religiões não podem evitar cair no folclore para atrair os clientes.

Socorro – Sem falar que sempre geram uma arte kitsch de um gosto péssimo.

Maurícia – Pessoalmente, entre a Capela Sixtina e a Gruta de Altamira, não há comparação...

Socorro – O catolicismo romano é para Jesus Cristo o que o estalinismo burocrático é para Karl Marx.

Maurícia – E o Vaticano é o seu Kremlin.

Sócrates – Alguns homens sempre encontraram vantagens em fazer perguntas sem resposta...

Maurícia – A propósito, queria perguntar-lhe se...

Socorro – Quando for a sua vez, está bem?

Sócrates – Terminemos com o último elemento desta pergunta: Por que existe algo em vez de nada? Algo. É tudo o que resta quando eliminamos todos os elementos parasitas contidos nesta interrogação, que, por conseguinte, se torna uma afirmação. Algo: isso é tudo o que se pode dizer.

Socorro – Mas será realmente necessário dizê-lo?

Maurícia – Isso faz-me lembrar a história de Fernand Raynaud, um humorista francês, sobre aquele slogan publicitário: «Aqui vendem-se laranjas bonitas e baratas». Uma vez eliminado tudo o que é tautológico neste argumento de venda, só resta a evidência das laranjas.

Sócrates – Fernand Raynaud foi o maior filósofo de todos os tempos...

Maurícia – Então, no final, voltamos à frase de Descartes: Penso, logo existo.

Sócrates – Essa também é uma frase tautológica carregada de um grande egocentrismo. E por que não penso, logo penso? Não somos nós que pensamos. É o mundo que se pensa através de nós. E parece que o mundo também pensa errado, frequentemente...

Um momento de pausa durante o qual as duas mulheres refletem sobre a profundidade de tudo o que foi dito.

Socorro – É incrível que se chame Sócrates... É um nome predestinado, não?

Sócrates – Não é o meu nome. É o meu apelido.

Maurícia – Um apelido grego, certo?

Sócrates – Respondi à sua pergunta?

Socorro – Absolutamente, Sócrates.

Voltando às bananas de Socorro na balança.

Sócrates – Um quilo... (*Pega num livro de uma caixa e coloca-o na balança.*) E mais um livro para completar o peso.

Socorro – O que é?

Sócrates – O Discurso do Método. É tão parvo que até chega a ser divertido. Próxima pergunta?

Maurícia – Agora... Não sei se...

Sócrates – Diga, vamos lá...

Maurícia – Bem... Eu... Eu arrisco... Deus existe?

Sócrates e Socorro lançam-lhe um olhar de pena.

Sócrates – Pensava que já tinha respondido a essa pergunta...

Maurícia (*envergonhada*) – Sim, eu também pensava, mas... (*Para Socorro*) Se não tivesse feito a sua pergunta antes da minha! Assim é fácil fazer-me parecer uma idiota...

Sócrates – Vá lá, vá lá, vou responder à sua pergunta de qualquer forma.

Maurícia – Obrigada...

Maurícia lança um olhar de reprovação a Socorro.

Sócrates – Deus existe? Segundo quem faz a pergunta, é uma questão de extrema estupidez ou de grande perversidade.

Maurícia – Não tenho a certeza de perceber...

Sócrates – Perguntar se Deus existe implica ter previamente definido o que é Deus. Como é que se pergunta se algo existe quando não sabemos o que é? Pois bem, desafio-a a dar-me uma definição de Deus que não seja “Deus é Deus”.

Embaraço de Maurícia e olhar irónico de Socorro.

Maurícia – Pronto, já chega...

Sócrates – Se Deus for considerado um conceito que nenhum outro conceito pode definir, a única coisa que se pode perguntar sobre Deus é se existe ou não. Mas perguntar se Deus existe é também a única maneira de fazer com que este conceito exista hipoteticamente. Percebe agora?

Maurícia – Estou a tentar...

Sócrates – Os unicórnios existem? Responda!

Maurícia – Os unicórnios? Bem... Não, obviamente.

Sócrates – E, no entanto, perguntar se os unicórnios existem já lhes dá uma existência virtual. A partir daí, podem contar-se histórias fantásticas sobre unicórnios, escrever livros infantis e até pintar quadros expostos em museus. Já viu quadros de dinossauros no Louvre?

Maurícia – Pois não.

Sócrates – E, no entanto, os dinossauros existiram de verdade. Para os humanos, uma fábula recente costuma ter mais realidade do que uma verdade distante.

Socorro – Então Deus existe no imaginário do homem que o criou, tal como os unicórnios.

Sócrates – A questão de saber se Deus existe equivale a perguntar se precisamos desta hipótese para entender o mundo tal como os nossos pobres meios intelectuais nos permitem compreendê-lo.

Maurícia – E?

Sócrates – É aí que já respondi a essa pergunta.

Socorro – A ideia de Deus só é necessária se se aderir a esta improvável hipótese de um tempo linear, que pressupõe um princípio e uma criação do mundo por uma causa primeira e para um fim último.

Maurícia – Então Deus não existe e Pascal perdeu a sua aposta...

Sócrates – Foi uma aposta absurda...

Socorro – Um tempo circular... Então, a criação do mundo é um pouco como o problema do ovo e da galinha.

Sócrates – Vai levar estas cenouras ou não?

Socorro – Sim, claro...

Sócrates pesa as cenouras.

Sócrates – Um quilo... (*Pega noutro livro de uma caixa e coloca-o na balança.*) E mais um livro para completar o peso.

Maurícia – O que é? Os Pensamentos de Pascal?

Sócrates – É um livro de culinária. Será muito mais útil para saber como preparar estas cenouras, acredite...

Socorro entrega algumas moedas. Sócrates aceita-as.

Sócrates – Minhas senhoras...

Sócrates entra na loja, deixando as duas mulheres sem palavras.

Maurícia – Que homem!

Socorro – Pode-se dizer que elevou o comércio de frutas e legumes ao nível de uma maiêutica.

Maurícia – Bem, vou fazer a minha sopa.

Socorro – Por falar nisso, não sei onde deixei o meu cão... Não o viu por acaso?

Maurícia – Nem sabia que tinha um cão...

Socorro – Deus!

Maurícia – O seu cão chama-se Deus?

Socorro – Pelo menos dele tenho a certeza que existe. E quando o chamo, ele vem.

Maurícia – A prova...

Socorro – Deus! Anda cá, meu cão.

Maurícia – Só a fé salva...

Socorro – Onde é que se terá metido este bicho? Vou levá-lo ao canil, vais ver, não demoro nada!

Maurícia – Bem, vou andando... Até logo.

Maurícia sai. Socorro também se afasta, chamando o cão.

Socorro – Vá, anda cá! Não vou ajoelhar-me! Deus! Vais ver a tarefa que te dou quando te apanhar!

Entra Ben, com ar de malandro e alerta. Usa um gorro. Depois de olhar para os lados, puxa o gorro, que afinal é um passa-montanhas, saca de um bolso um revólver e entra na loja. Durante alguns instantes, nada acontece. Ouvem-se latidos de cão, o chiar de pneus e depois silêncio. Ben sai, com ar cabisbaixo, já sem o passa-montanhas, seguido por Sócrates, que segura o revólver pelo cano.

Sócrates – Bem, por uma vez vou permitir-me uma citação, jovem amigo. Conhece o provérbio: quem rouba um ovo rouba um boi?

Ben – O meu professor repetia-o frequentemente na escola durante as aulas de moral.

Sócrates – Evidentemente, não aprendeu bem a lição...

Ben – Lamento muito, senhor.

Sócrates – E, segundo você, o que significa este provérbio?

Ben – Não sei... Que só o primeiro passo custa. Começa-se a roubar um ovo e depois rouba-se o boi inteiro...

Sócrates – E então?

Ben – Então, é melhor nunca roubar nada, nem sequer um ovo...

Sócrates – Essa é, provavelmente, a interpretação que o seu professor lhe deu.

Ben – Não significa isso?

Sócrates – Pode ser visto dessa forma, sim... Mas também pode significar o contrário.

Ben – O contrário?

Sócrates – Quem rouba um ovo rouba um boi também pode significar que roubar um ovo é o mesmo que roubar um boi, não é? Que é igualmente grave.

Ben – Eh... Sim...

Sócrates – Depois da escola, tenho a certeza de que ia ao catecismo, estou errado?

Ben – Até fui acólito... Na verdade, foi lá que comecei a roubar vinho da missa...

Sócrates – E o que dizem as Tábuas da Lei sobre o roubo?

Ben – Não roubarás... Acho que é a Sétima Emenda...

Sócrates – O Sétimo Mandamento, antes. A Sétima Emenda, na Constituição dos Estados Unidos, é o direito a um julgamento justo. Mas vai dar quase ao mesmo.

Ben – Um julgamento justo...

Sócrates – Seja como for, a Bíblia não diz «não roubarás um ovo e muito menos um boi». A Bíblia não entra no comércio a retalho. Roubar um ovo ou um boi, é o mesmo, sem importar o tamanho do boi. É um pecado mortal e ponto final, não é, rapaz?

Ben – Sim, senhor...

Sócrates – E do ponto de vista do código penal, é igual. Roubo é roubo. A sanção é exatamente a mesma, seja qual for o valor do saque, certo?

Ben – Suponho que sim...

Sócrates – Se for um roubo à mão armada, vai a julgamento no Tribunal de Comarca. E, em caso de reincidência, é prisão perpétua...

Ben – Ah, bem, isso é muito...

Sócrates – Acha que é muito inteligente arriscar prisão perpétua pelos poucos euros que poderia encontrar na minha caixa registadora?

Ben – Não, não muito...

Sócrates – Bem... Está a começar a ser razoável... Está a ver aquele banco ali em frente?

Ben – Sim, senhor...

Sócrates – Já que arrisca passar o resto da vida na prisão, não acha que seria melhor sair com o conteúdo do cofre dele?

Ben – Sim, claro...

Sócrates – Um pouco de ambição, por Deus! Pense em grande, rapaz! Mas cuidado, sem violência desnecessária. Porque, para o Quinto Mandamento, é o mesmo. Não matarás, e não especifica que sai mais barato se o tipo que matou não era muito recomendável e ninguém sentiria falta dele...

Ben – Compreendo, senhor, juro...

Sócrates guarda a arma no bolso.

Sócrates – De acordo, fico com o seu revólver por agora...

Ben – Posso ir-me embora então? Não vai chamar a polícia?

Sócrates – Vai, rapaz. E lembre-se: quem rouba um ovo rouba um boi. Então, mais vale roubar logo um boi.

Ben – Um boi...?

Sócrates – Uma galinha, se preferir começar devagar. Pelo menos terá ovos todas as manhãs sem arriscar ir preso todos os dias.

Ben – Uma galinha, a sério?

Sócrates – Por que acha que sempre se fala de ladrões de galinhas e não de ladrões de ovos?

Ben – Não sei, senhor...

Sócrates – De certeza que foi assim que começou o capitalismo. Entende? Um tipo roubou uma galinha e começou a vender ovos.

Ben – Onde é que se pode roubar uma galinha?

Sócrates – Tem razão, cada vez é mais difícil encontrar galinhas, sobretudo na cidade. Por isso, como parece um pouco perdido, mais vale assaltar um banco...

Ben – Obrigado, senhor.

Sócrates pega num alho-francês da prateleira e entrega-o a Ben.

Sócrates – Tome isto. Pode ser-lhe útil...

Ben – Obrigado...

Sócrates – E não se esqueça: a propriedade é um roubo!

Ben – Sim, senhor...

Sócrates – Vá em paz, meu filho... (*Sócrates abençoa-o com um sinal da cruz e Ben sai bastante confuso.*) Estes jovens... Pergunto-me o que lhes ensinam na escola...

Sócrates volta para a sua loja. Entra Eva. Ela para em frente às caixas de livros e examina-os. Entra Carlos, com um mapa na mão, parecendo perdido.

Carlos (para Eva) – Desculpe, procuro o beco do Progresso... Acho que não está muito longe daqui, mas...

Eva – O beco do Progresso? Parece-me familiar, mas não tenho a certeza...

Carlos – Segundo o meu mapa, deve seguir pela avenida Lenine, continuar pela rua Karl Marx até à avenida Luxemburgo. O beco do Progresso deve estar ao lado da praça da Amizade entre os Povos...

Eva – Uff... Mas, pobre homem, está completamente perdido! De que ano é o seu mapa?

Carlos – Não sei... Mas no centro da cidade, as ruas não mudam muito, pois não?

Eva – As ruas, não... Vamos lá ver... (*Pega no mapa e examina-o.*) 1955! Tem noção?

Carlos – O quê?

Eva – Desde 1955 caiu o Muro de Berlim! A câmara mudou de rumo e os nomes das ruas mudaram.

Carlos – E então?

Eva – Então deve seguir pela avenida João Paulo II, continuar pela rua Karl Lagerfeld até à avenida Donald Trump. O beco do Progresso está ao lado da praça da Revolução Digital.

Carlos – Pelo menos o beco do Progresso não mudou de nome.

Eva – Para onde vai exatamente?

Carlos – Ao Centro Nacional de Investigação Científica.

Eva – No beco do Progresso? Ah, isso já não existe!

Carlos – Já não existe?

Eva – Agora é a Igreja da Cientologia.

Carlos – Não, a sério?

Eva – O Centro Nacional de Investigação Científica mudou-se. Agora estão no passeio Nostradamus.

Carlos – E onde fica isso?

Eva – Siga em frente, vire à primeira à esquerda e verá o cemitério. Fica mesmo em frente.

Carlos – Bem, muito obrigado então.

Eva – De nada...

Carlos vai-se embora. Eva volta a examinar os livros. Sócrates sai da loja.

Sócrates – Procura algo em particular?

Eva – Não, só estou a ver...

Sócrates – Leve o seu tempo... Mas aconselho mais os produtos frescos, estão na época. Aqui, salvo exceções, só encontrará ideias rançosas... Posso oferecer-lhe uma maçã?

Pega numa maçã de uma prateleira e entrega-a a Eva.

Eva – Obrigada... (*Morde a maçã e continua a examinar os livros durante um momento.*) Na verdade, sim... Há anos que procuro um livro... Mas seria um milagre se o tivesse.

Sócrates – Os milagres são a minha especialidade.

Eva – É um livro que já não está em edição. Sempre dou uma vista de olhos por acaso, em todos os alfarrabistas que encontro. Mas venderam-se tão poucos exemplares...

Sócrates – Diga-me qual é.

Eva – É um livro de poesia intitulado Rimas Órfãs.

Sócrates – Rimas Órfãs...

Eva – Uma rima órfã é uma rima que não encontra correspondência com nenhuma outra... Mas suponho que já sabia disso...

Sócrates – Sim.

Eva – É um pequeno livro publicado por conta própria há bastante tempo...

Sócrates – Não há livros pequenos, apenas autores pequenos... Das Edições Confidenciais, certo?

Eva – Conhece esse livro?

Sócrates – Tive-o nas mãos há pouco tempo, de facto. Até o folheei...

Eva – E ainda o tem?

Sócrates – Lamentavelmente, troquei-o na semana passada por um quilo de curgetes. É preciso pagar aos fornecedores, sabe...

Eva – Que azar... E lembra-se de a quem o vendeu?

Sócrates – Tal como as prostitutas, tenho alguns clientes habituais, mas esse foi ocasional. Não o voltei a ver desde então...

Eva – Posso deixar-lhe o meu número de telefone, caso o veja novamente?

Sócrates – Às vezes, os meus leitores devolvem-me os livros depois de os ler, porque já não têm nada para levar à boca...

Eva entrega-lhe o seu cartão de visita, que ele aceita.

Eva – E como funciona nesses casos?

Sócrates – Volto a aceitar o livro em troca de um quilo de produtos frescos.

Eva – É um comerciante peculiar...

Sócrates – Troco, vendo, compro... É isso que chamamos pequeno comércio... Um quilo de cenouras por um livro de bolso. Pode chegar até um quilo de feijão verde por um livro encadernado em couro. Ou até trufas por uma edição com bordas douradas.

Eva – O livro que procuro estava impresso em papel reciclado...

Sócrates – Também depende do conteúdo, claro... O papel pode ser reciclado, desde que as ideias impressas nele não o sejam também.

Eva – Então, um quilo de curgetes por Rimas Órfãs.

Sócrates – Na realidade, depende da cara do cliente... Suponho que esse me pareceu simpático. Às vezes até ofereço os meus produtos ou recuso-me a vendê-los, sabe. Além disso, nem tudo o que é raro é caro. Se não há procura, como no caso da poesia... Já leu Adam Smith?

Eva – Não...

Sócrates – É um economista escocês... Para a economia, os escoceses e os catalães não têm rival... (*Ao notar que Eva está distraída*) De acordo, se voltar a ver esse senhor, ligo-lhe.

Eva – Obrigada... E disse que folheou o livro?

Sócrates – Li alguns poemas... Lembro-me de um em particular:

"A papoila sonha à beira do caminho,
fora do campo,
onde nenhuma colheita a espera.
Imperfeita como um esboço de flor,
já está coberta do pó do mundo,
como de uma farinha.
O seu fruto não é bom pão branco,
mas um croissant de lua."

Eva – Bravo! Que memória... Então, gostou desta papoila? Bem, não o suficiente para resistir à tentação de trocá-la por um quilo de curgetes, mas...

Sócrates – Parece-me sincero, de qualquer forma... O mínimo que se pode pedir a um livro é sinceridade. Lamentavelmente, a maioria dos livros publicados hoje em dia parecem ter sido preparados seguindo uma receita de cozinha literária.

Eva – Bem, não o incomodo mais...

Sócrates – É isso que geralmente se diz quando começamos a aborrecer-nos.

Eva – Espero que até breve...

Eva está prestes a ir embora. Sócrates pega em algo de uma caixa.

Sócrates – Tome... Um ramo de salsa... É uma oferta da casa...

Eva – Obrigada, há muito tempo que um homem não me oferecia um ramo...

Eva sai. Entra Ben a correr, com ar de pânico, claramente perseguido. Sócrates compreende a situação sem necessidade de palavras.

Sócrates – Parece que a sua retirada no banco não correu como esperava... (*Ben olha-o desesperado.*) Ao fundo da loja, rápido.

Ben precipita-se para o interior. Entram o comissário Sánchez e o seu ajudante Ramírez.

Sócrates – Bom dia, comissário, o que o traz por aqui?

Sánchez – O costume, meu amigo... Um roubo na Caixa de Poupança.

Sócrates – Tenho a certeza de que os dois vão apanhar o culpado num piscar de olhos.

Sánchez – Justamente estamos à sua procura, não o viu passar por acaso?

Sócrates – Depende... Como era ele?

Sánchez vira-se para Ramírez.

Ramírez – Trazia um passa-montanhas, chefe.

Sócrates – Não vi ninguém com passa-montanhas... Há feridos?

Sánchez – Que nada! Um amador. Saiu a correr e abandonou a arma no local.

Ramírez – Achávamos que escondia uma caçadeira de canos serrados debaixo do casaco, mas afinal era... um alho-francês.

Sócrates – Um alho-francês?

Sánchez – Não será dos seus, pois não?

Sócrates – Sabe que vendo muitos alhos-franceses. De que calibre era?

Sánchez pega num alho-francês de uma caixa e mostra-o.

Sánchez – Algo assim.

Sócrates – Ah, sim, pode ser perigoso... (*Ao notar que Ramírez observa as caixas de livros*) Interessa-lhe algum livro para desanuviar?

Ramírez – Tem romances policiais?

Sánchez lança um olhar de reprovação.

Sánchez – Não temos tempo, estamos de serviço.

Sócrates – O ladrão do alho-francês... Pode ser um bom título para um romance negro, não acha?

Sánchez – Então, não viu nada?

Sócrates – Se fosse a vocês, ia até ao cemitério. Há pouco vi um tipo estranho a correr naquela direção.

Ramírez – E só nos diz agora...

Sócrates – Pensei que estava a fazer exercício. Mas agora que mencionam, parecia que corria muito depressa.

Sánchez – Obrigado de qualquer forma.

Sánchez e Ramírez dirigem-se para o cemitério. Sócrates entra na loja e regressa momentos depois. Olha para os lados antes de fazer sinal a Ben para sair. Indica-lhe a direção oposta à tomada pelo comissário.

Sócrates – É melhor ir por ali se quiser evitar problemas.

Ben – Obrigado.

Sócrates – Um conselho: abandona a tua carreira de ladrão, mesmo de ladrão de galinhas. Não parece ter talento para esta nobre profissão...

Ben – Prometo.

Sócrates – Não te estou a dizer para trabalhares, isso seria excessivo, mas... não sei...

Ben olha para os livros.

Ben – Talvez devesse instruir-me um pouco...

Sócrates – Sinceramente, desaconselho-te a leitura... À tua idade, se começares agora, pode ser mortal...

Ben – É melhor ir-me embora antes que os polícias voltem.

Sócrates – Tens a certeza de que não te esqueces de nada?

Ben, um pouco envergonhado, tira três pacotes de bolachas dos bolsos.

Ben – Desculpe, foi um reflexo...

Sócrates – (*Recupera os pacotes de bolachas e dá uma fruta a Ben.*) Toma uma pera. Sabes que para te maneres saudável tens de comer cinco frutas e legumes por dia. Com o alho-francês, já tens dois. Anda, desaparece...

Ben sai. Sócrates volta à loja para devolver as bolachas ao seu lugar. Entra Albano e começa a olhar os livros. Eva passa novamente e para para observar os produtos frescos. Albano vê-a e parece encantado pelo seu charme.

Albano – Desculpe, posso fazer-lhe uma pergunta?

Eva (*desconfiada*) – Sim...

Albano – Tenho a impressão de já a ter visto antes em algum lugar.

Eva – Isso é o melhor que consegues?

Albano – Para quê?

Eva – Para me engatar!

Albano – Mas não estou a engatar... Bem, estou, mas... Não invalida que tenha a impressão de já a ter visto antes. As duas coisas não são compatíveis? Por que não se pode engatar alguém que se acredita já ter visto antes?

Eva (*preparando-se para sair*) – Em qualquer caso, eu não o conheço, por isso, se me permite...

Albano – Espere um momento! Tenho outra pergunta para lhe fazer...

Eva – A última então... Aviso já, é o seu joker. Estou a ouvir...

Albano – É que... Disse isso só para a reter e ganhar algum tempo... Tenho tanto medo de nunca mais a voltar a ver... Mas não me ocorre nada agora... Se me der mais uns segundos, seguramente pensarei em algo para lhe perguntar...

Eva – Para essa altura já terei ido embora.

Albano – Ou... Por que não me dá a sua morada e faço-lhe a pergunta por escrito quando me ocorrer? Só terá de me enviar a resposta por correio...

Eva – Bravo! É a primeira vez que um desconhecido me propõe uma relação epistolar.

Começa a ir-se embora.

Albano – Não! Já sei. (*Vira-se para os vegetais.*) Queria perguntar-lhe como se faz um gratinado de batatas.

Eva – Um gratinado de batatas?

Albano – Por que não? O gratinado de batatas é muito saboroso... Não é muito leve, de acordo, mas é delicioso...

Eva – Então, só porque sou mulher, a primeira coisa que lhe ocorre perguntar-me é a receita de um gratinado de batatas? É um machista horrível!

Albano – Agora está a ser injusta... Não foi a primeira coisa que me ocorreu, mas recusou-se a responder à minha primeira pergunta...

Eva – Que, se me lembro bem, foi: «Não nos vimos antes em algum lugar?» Consegue mesmo algo às vezes com uma técnica de engate tão má?

Albano – Raramente, é verdade, mas é o meu estilo. Que se há de fazer? Não se pode mudar...

Eva – O estilo é o próprio homem. Concordo. Por isso, digo-lhe adeus...

Albano – Ao menos diga-me o seu nome...

Eva – Eva...

Albano – Eu sou Albano. E não lhe digo adeus porque estou certo de que fomos feitos um para o outro. O que implica, claro, que nos voltaremos a ver muito em breve...

Eva – E o que o faz estar tão confiante?

Albano – Albano e Eva! É um sinal, não acha?

Eva – Disparates...

Albano – Eva... Suspirei o seu nome à noite, enquanto adormeço sozinho na minha cama. (*Eva sai, escondendo um sorriso divertido.*) Vi! Sorriu!

Eva (*fora de cena*) – Nos seus sonhos.

Sócrates sai da loja com um pacote de bolachas na mão.

Sócrates – Quer uma bolacha?

Albano – Não, obrigado, evito petiscar entre refeições.

Sócrates – Eu também, mas como adoro petiscar, decidi eliminar as refeições. Não nos vimos antes?

Albano – A última pessoa a quem fiz essa pergunta disse que eu estava a tentar engatá-la.

Sócrates – Tranquilo, não és o meu tipo...

Albano – Comprei-lhe um livro há algum tempo.

Sócrates – Rimas Órfãs.

Albano – Esse mesmo.

Sócrates – Leu-o, não gostou, e vem devolvê-lo...

Albano – De forma alguma. Gostei muito, na verdade. Tornou-se o meu livro de cabeceira:

"Os nossos olhos, metades de laranja espremida,
deslizam para o vazio da ausência.
Brilham por um momento, surpreendidos
pela iminência da partida."

Sócrates – As laranjas sempre inspiraram muito os poetas...

Albano – Na verdade, queria saber se tinha algo mais do mesmo autor.

Sócrates – Acho que é o único livro dele, mas quem sabe, pode ser que haja um segundo. Enquanto um autor não estiver morto, nunca se sabe se voltará a reincidir. Então, ainda o tens?

Albano – Claro, porquê?

Sócrates – Uma mulher esteve aqui antes. Estava à procura dele.

Albano – É curioso, não é um livro muito conhecido. Nunca tinha ouvido falar antes de o folhear aqui. Procurei no Google para saber mais sobre o autor, mas não encontrei nada.

Sócrates – Andy Warhol dizia que todos tinham direito aos seus quinze minutos de fama. Hoje em dia, o anonimato absoluto tornou-se um privilégio reservado a poucos... Estarias disposto a vendê-lo novamente?

Albano – És um alfarrabista curioso...

Sócrates – É o que dizem. E como frutista, nem te conto... Dou-te um quilo de tomates. Se bem me lembro, vendi-te por uma libra de curgetes.

Albano – Não deves ter muitos lucros.

Sócrates – Para os entendidos, também vendo alguns cogumelos que te fazem ver a vida com outras cores. Estão na arrecadação... Se te interessar... Claro que são um pouco mais caros, mas garanto-te que valem a pena...

Albano – Desculpa, prefiro cogumelos na omelete... Não pensava desfazer-me deste livro, mas se essa mulher o quer tanto... Posso ficar com uma fotocópia e dar-lhe o original.

Sócrates – Muito bem, vou ligar-lhe. Quando podes passar?

Albano – Trago-o ao fim da manhã. (*Examina os produtos frescos.*) Os teus tomates são bons?

Sócrates – É a época deles.

Albano – E os melões? São mesmo da região, como diz o cartaz?

Sócrates – Sim... Embora não me lembre muito bem de que região exatamente. Acho que de uma região de Marrocos.

Albano – Levo um melão, então. Guardas-me um?

Sócrates – Sem problema. (*Albano vai-se embora. Sócrates pega num livro e entrega-o.*) Toma, aqui encontras certamente a receita do gratinado de batatas...

Albano sorri, pega no livro e sai. Sócrates tira o telemóvel e entra na loja enquanto marca um número. Voltam Sánchez e Ramírez, este último carregando um saco do lixo ao ombro.

Ramírez – Bravo, Comissário! Mais uma missão resolvida rapidamente...

Sánchez – Tens a certeza de que está tudo aí?

Ramírez – Bem... Isso é o que o forense dirá quando conseguir juntar as peças... Está a ver? Se as donas de casa começam a assaltar as Caixas de Poupança, onde é que vamos parar?

Sánchez olha para a loja.

Sánchez – Sabias que esta loja de alimentos árabe é gerida por um grego?

Ramírez – Pois não...

Sánchez – O nosso trabalho é saber tudo, Ramírez. Todo o inocente é um culpado que ainda não sabe...

Ramírez (*olhando também para a loja*) – Tem razão, chefe... Isso também é suspeito...

Sánchez e Ramírez vão-se embora. Sócrates sai da loja com o telemóvel na mão.

Sócrates – Muito bem, espero por si mais tarde...

Guarda o telemóvel. Entra Maurícia.

Maurícia – Não está ao corrente?

Sócrates – Depende... Do quê?

Maurícia – Da Socorro!

Sócrates – Socorro?

Maurícia – A mulher a quem vendeu o *Discurso do Método* há pouco!

Sócrates – Não sabia que se chamava Socorro, se soubesse, nem sequer lhe tinha vendido as bananas...

Maurícia – E porquê?

Sócrates – Tenho por princípio não fazer negócios com nenhuma Socorro... Mas enfim, o mal já está feito. E então, Descartes não lhe agradou?

Maurícia – Está morta!

Sócrates – Não de tédio, espero? Sentir-me-ia um pouco responsável...

Maurícia – Foi atropelada por uma máquina limpa-neves!

Sócrates – Uma máquina limpa-neves? Estamos em agosto!

Maurícia – Segundo me disseram, estavam a levá-la para a oficina municipal para reparações...

Sócrates – Que coisas tem o destino...

Maurícia – Acredite, não foi uma cena agradável. Se não tivesse visto que tinha aquele livro na mão, nunca teria sabido que era ela. Fui eu quem identificou o corpo... Bem, quando digo corpo...

Entra Socorro.

Socorro – Que caras! O que foi, viram um morto?

Os outros dois ficam estupefactos.

Sócrates – Quando digo que a vida é um eterno retorno...

Maurícia – Mas a senhora não estava morta?

Socorro (*para Sócrates*) – Porquê? Pareço morta?

Sócrates – Não mais do que o habitual...

Socorro – As pessoas tendem sempre a exagerar...

Maurícia – Mas vi-a há pouco perto da oficina, com o seu livro debaixo do braço. Só que o braço estava de um lado da estrada e o resto do corpo em pedaços do outro lado...

Socorro (*para Sócrates*) – Ah, o seu livro, falando disso... Confesso-lhe que não consegui entrar nele. Caiu-me das mãos depois de três páginas...

Sócrates – E quer que o recompre?

Socorro – Não, dei-o a um pobre homem que passava por ali. Parecia entusiasmadíssimo, porque começou a lê-lo imediatamente. Disse-lhe que não era muito prudente ler enquanto se caminha na rua, mas que se pode fazer...

Maurícia – O tipo que foi atropelado pela máquina limpa-neves, tem de ser ele.

Socorro – Disse-me que o *Discurso do Método* certamente o ajudaria a reestruturar-se...

Maurícia – Agora, pelo que vi, parece mais desestruturado.

Socorro – Bem, isto não é tudo, mas tenho de ir fazer a minha sopa.

Maurícia – E eu a minha...

Vão-se embora. Sócrates arruma um pouco o posto e entra na loja. Entra Eva, justamente quando chega Carlos.

Eva – Então, encontrou o Centro Nacional de Investigação Científica?

Carlos – Sim, sim, obrigado. Passeio Nostradamus, era lá.

Eva – É cientista, então?

Carlos – No início, sim... Trabalhei muito tempo na teoria do *Big Crunch*.

Eva – Deve ser apaixonante.

Carlos – Sabe o que é?

Eva – Não, mas não me atrevia a perguntar para não parecer tola... O único *Crunch* que conheço é uma marca de chocolate, mas imagino que não interesse ao Centro Nacional de Investigação Científica.

Carlos – O *Big Crunch* é como o *Big Bang*, mas ao contrário.

Eva – Isso é extraordinário...

Carlos – Infelizmente, é uma teoria completamente obsoleta.

Eva – Lamento muito...

Carlos – Segundo as últimas investigações, parece que a velocidade de expansão do universo está em aceleração constante.

Eva – Talvez se resolva, não? Em qualquer caso, se puder fazer algo por si...

Carlos – Agora faço uns trabalhos extras para a polícia.

Eva – A polícia?

Carlos – A polícia científica... Pediram-me para identificar o autor original do universo num caso de plágio...

Eva – Isso é ainda mais fascinante!

Carlos – A sério? Acha mesmo?

Eva – Não, só disse para o agradar...

Carlos – Além disso, vai contra todas as minhas convicções... Sempre combati com veemência a tese do criacionismo.

Eva – Compreendo...

Carlos – Bem, vou-me embora... Infelizmente, tenho de voltar ao trabalho...

Eva – Boa sorte com a sua investigação!

Carlos sai, desesperado. Entra Albano e cruza-se com Eva.

Albano – Já me lembro! És a autora de *Rimas Órfãs*!

Eva – Como sabes?

Albano – A tua foto está na contracapa.

Eva – Pensava que ninguém tinha lido esse livro...

Albano – Eu li. E, ao que parece, não sou o único, porque tenho aqui um encontro com alguém que quer comprá-lo a peso de ouro. Vês? Começas a tornar-te um sucesso...

Eva – Achas mesmo?

Albano – Em qualquer caso, não menti quando disse que já te tinha visto antes...

Eva – Sou eu.

Albano – Tu?

Eva – Sou eu quem quer comprar esse livro.

Albano – Mas, por que motivo um autor quereria comprar o seu próprio livro?

Eva – A minha casa afundou-se...

Albano – Queres dizer, a tua casa editorial?

Eva – Quando se autoedita, é a mesma coisa...

Albano – E a tua casa faliu?

Eva – Afundou-se! Eu vivia numa barçaça.

Albano – Entendido... Então, foi um naufrágio...

Eva – Não tenho nenhum exemplar desse livro. Pelo menos queria recuperar um. É uma parte de mim, percebes?

Albano – Percebo...

Eva – Então...

Albano – Então o quê?

Eva – Queres vendê-lo?

Albano – Depende do preço...

Eva – És um cavalheiro, não vais aproveitar-te da situação?

Albano – Eu pensava que era um terrível machista...

Eva – Quanto pedes por ele?

Albano – Ofereceram-me recentemente um quilo de tomates.

Eva – E isso não te basta?

Albano – Digamos que também exijo algo em cima da mesa.

Eva – Diz-se por baixo da mesa.

Albano – Não neste caso. Troco este livro por um convite para jantar. Podemos partilhar este melão à mesa.

Eva – Na tua, por exemplo...

Albano – Tu própria acabaste de dizer-me que já não tens casa... É um sim?

Eva – Quero muito recuperar este livro.

Albano – E eu não estou disposto a desfazer-me dele facilmente.

Eva – Muito bem. Falamos disso enquanto comemos melão.

Albano pega num melão do posto e saem juntos. Sócrates sai da loja.

Sócrates – O amor, sempre o amor...

Chegam o comissário Sánchez e o seu ajudante Ramírez.

Sánchez – Está a falar de nós?

Sócrates – Então, comissário, como vai essa investigação?

Sánchez – O caso está resolvido.

Ramírez – Encontrámos o fugitivo.

Sánchez – Está morto. Foi atropelado por uma máquina limpa-neves avariada.

Ramírez – A autópsia determinou que era um travesti que se fazia chamar Socorro.

Sánchez – Tinha isto na mão. (*Sánchez mostra a Sócrates o Discurso do Método.*) Não terá vindo daqui, por acaso?

Ramírez – Tal como o alho-francês...

Sócrates – O *Discurso do Método*...

Ramírez – Para demonstrar que se pode ser criminoso e filósofo ao mesmo tempo.

Sócrates – Isso também vale no sentido contrário. A filosofia é, muitas vezes, uma fraude intelectual...

Volta Socorro, alterada.

Socorro – Ai, meu Deus, comissário, que sorte encontrá-lo! Perdi o meu cão...

Sánchez – Bem, normalmente não é o tipo de desaparecimento que compete à Polícia Nacional.

Socorro – Por favor, comissário... Sei que é amigo dos animais.

Ramírez – De que cor é o seu cão?

Socorro – Laranja.

Ramírez – Laranja? Quer dizer que usava um casaco laranja?

Socorro – Um casaco?! Nesta altura do ano? Que ideia estranha...

Ramírez – Já vimos de tudo, acredite...

Socorro – Não, é o pelo do meu cão que é laranja.

Sánchez – Então, pinta-lhe o pelo?

Socorro – Claro que não! O que o leva a pensar isso? É a cor natural dele!

Sócrates – Posso fazer-lhe uma pergunta, comissário?

Sánchez – Claro. Se servir para avançar na nossa investigação...

Sócrates – Senhora, de que cor diria que é o cabelo do senhor comissário?

Socorro – Roxo, obviamente.

Sócrates – Acho que resolvi este mistério, comissário.

Socorro – Mas isso não me devolve o meu cão!

Sánchez – Ramírez, trate deste assunto, por favor.

Ramírez (*saindo com Socorro*) – Como se chama o seu cão, senhora?

Sócrates observa Sánchez.

Sócrates – Parece que algo o preocupa, comissário.

Sánchez – Estou a investigar um caso enorme... Digo-lhe isto sob sigilo profissional... E apenas porque tenho uma estima especial pelos portugueses.

Sócrates – Guardarei o segredo como um túmulo, prometo-lhe.

Sánchez – Trata-se de um caso de plágio.

Sócrates – De um dos meus livros?

Sánchez – Sim, entre outras coisas...

Sócrates – Entre outras?

Sánchez – Também dos seus produtos frescos...

Sócrates – Um plágio relacionado com frutas e legumes?

Sánchez – Disse-lhe que era um caso enorme... Prepare-se bem: este plágio abrangeria a totalidade do universo.

Sócrates – Não...

Sánchez – Tudo isto não seria mais do que uma gigantesca falsificação.

Sócrates – E foi o autor da obra original quem apresentou a queixa?

Sánchez – O autor? Também o estamos a procurar, imagine. Colocámos a polícia científica a trabalhar nisso.

Sócrates – É inacreditável, de facto... E o que os fez suspeitar, Comissário?

Sánchez – Mais uma vez, tudo o que lhe digo é informação classificada como confidencial. Mas sei que posso contar com a sua discrição, não é verdade?

Sócrates – Claro...

Sánchez – O Ministério da Defesa acabou de nos informar da presença, na região, de um unicórnio errante...

Sócrates – Um unicórnio?

Sánchez – Ao que parece, escapou-se da manada...

Ramírez regressa e ouve o final da conversa.

Ramírez – Compreenderá que um mundo onde rebanhos de unicórnios andam à solta só pode ser uma falsificação...

Sócrates – Evidentemente.

Sánchez – A menos que...

Sócrates – Sim?

Sánchez – Na sua opinião, que explicação pode haver para aquela senhora, que perdeu o cão, ver a vida tão cheia de cores?

Ramírez – Talvez seja daltónica...

Sánchez – Ou talvez tenha ingerido alguma substância alucinogénica... Permite-me dar uma vista de olhos à sua loja? Gosto de cogumelos, e um dos meus informadores disse-me que os seus são... potentes.

Sócrates – Faça favor, depois de si...

Entram na loja. Eva e Albano passam novamente e param.

Eva – O seu melão estava delicioso.

Albano – É um melão da região.

Eva – Bem... Obrigada pelo convite... e pelo livro.

Albano – Adorei as suas *Rimas Órfãs*.

Eva – No entanto, só vendi três exemplares. E suspeito que foi a minha mãe quem comprou os três. Antes de os revender para fazer sopa...

Albano – Então pode-se ter mãe e escrever rimas órfãs.

Eva – A menos que morramos antes dos nossos pais, todos estamos destinados a tornarmo-nos órfãos mais cedo ou mais tarde, não?

Albano – Por isso, suponho, procuramos a nossa alma gémea... Na esperança de que não morra antes de nós.

Saem de mãos dadas, sorrindo como tontos. Sánchez e Ramírez saem com Sócrates algemado.

Sánchez – Cogumelos proibidos no seu armazém e uma arma na sua caixa registadora...

Sócrates – Se lhe dissesse que tirei o revólver a um rapaz para evitar que fizesse disparates, não acreditaria.

Ramírez – Sabe o que arrisca?

Sócrates – Vai condenar-me a beber cicuta?

Sánchez – O que é isso?

Sócrates – Um veneno. O que Sócrates, o pai da filosofia, teve de beber após ser condenado.

Ramírez – E de que o acusavam?

Sócrates – De impiedade e de corromper a juventude... Podia ter escapado da morte fugindo, mas preferiu aceitar a sentença, para demonstrar que a submissão à lei é o fundamento da justiça.

Sánchez – Uma atitude um pouco colaboracionista, de facto, mas não sou eu, como polícia, quem vai pregar a desobediência civil...

Sócrates – Desde o início, o verme estava na fruta da filosofia. Sócrates já se achava Jesus Cristo...

Sánchez – Esse gosto pelo sacrifício ostensivo, pelo menos, permitiu-lhes alcançar alguma forma de celebridade.

Sócrates – Os homens sempre adoraram mártires. Têm um para cada dia do calendário. Sabe por que vai tirar-me estas algemas?

Sánchez – Nem sabia que o ia fazer.

Sócrates – Vai fazê-lo, acredite.

Sánchez – Para não o transformar num mártir?

Sócrates – Porque o senhor não é um verdadeiro comissário de polícia.

Sánchez – A sério?

Sócrates – Não mais do que eu sou um merceeiro ou alfarrabista.

Sánchez – E o que o leva a pensar que não sou comissário?

Sócrates – O senhor próprio disse-me que o mundo inteiro era uma falsificação... Portanto, o senhor também, que conduz esta investigação, não pode ser um verdadeiro polícia.

Sánchez – É um raciocínio que tem lógica.

Sócrates – Além disso, ontem fui ao teatro e já fazia de comissário.

Sánchez – É o meu papel habitual, pelo visto.

Ramírez – E o segundo papel, que lhe parece?

Sócrates – Pessimamente interpretado também...

Ramírez tira as algemas a Sócrates.

Sánchez – De qualquer forma, nem eram algemas verdadeiras.

Ramírez (olhando para o público) – Acha que nos vão atirar tomates?

Sócrates – Espero que sim... Preciso de renovar o meu stock de frutas e legumes...

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-291-3

Documento para download gratuito